

Galeria **Francisco Fino**

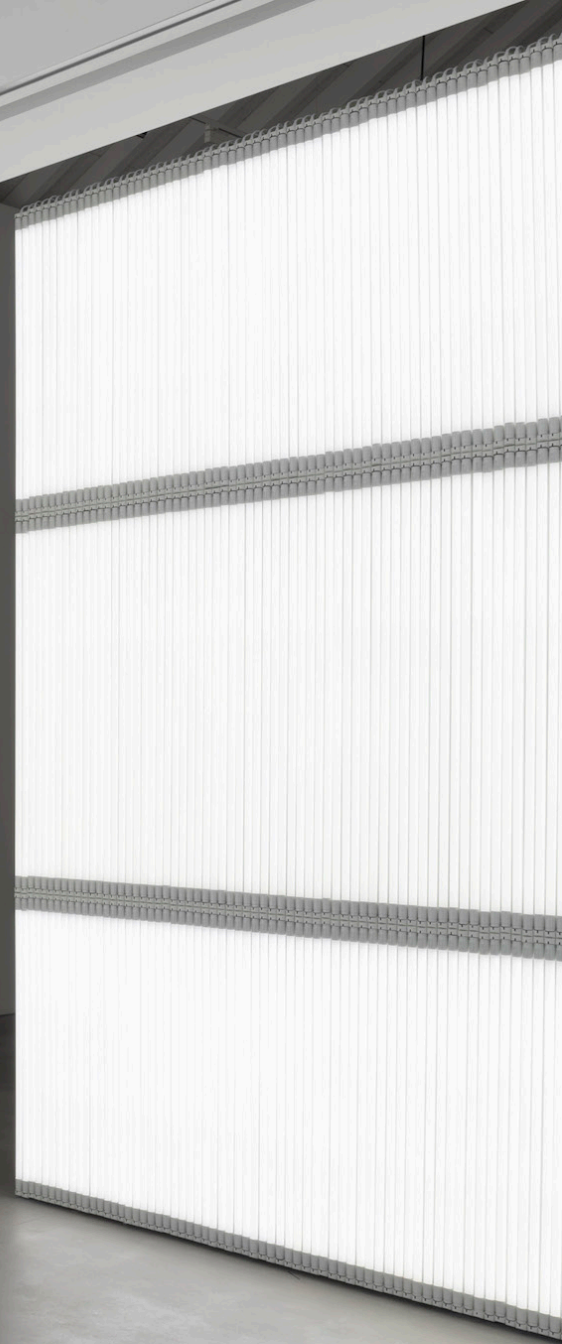
Alfredo Jaar
One Million Points of Light

25.05.2026 – 26.09.2026

ALFREDO JAAR
One Million Points of Light

Curated by Maurizio Bortolotti

25.05.2026 – 26.09.2026



Alfredo Jaar: A Ética da Imagem.

Maurizio Bortolotti

Vivemos num mundo de imagens. As redes sociais definem o novo ecossistema através do qual nos movemos, uma paisagem mediática com influência à escala global. Produzir imagens hoje, através dos nossos smartphones, tornou-se tão fácil como respirar. De certa forma, habitamos um mundo osmótico feito de imagens que medeiam a nossa representação e compreensão da realidade. O mundo encontra-se globalmente ligado e representado por imagens, que produzem uma retórica das nossas ações. Essa retórica representa a nova realidade que habitamos e está incorporada nas nossas formas de comunicação. As ações representadas propagam-se para além do contexto em que são geradas, numa representação frágil, acomodada à estética direta e simplificada das redes sociais.

Perante um mundo em crise de valores éticos, observamos uma reação ágil por parte dos artistas contemporâneos que escolhem a comunicação baseada na imagem como estratégia para transmitir valores humanos e sociais.

Alfredo Jaar é um dos grandes protagonistas desta estratégia.

Nos séculos passados, os artistas eram os produtores de imagens para a sociedade; hoje, através das redes sociais, qualquer pessoa pode produzi-las. A obra de Jaar centra-se na política da imagem. Ao longo de todo o seu percurso artístico, o artista revela de que forma as imagens expõem as correlações internas e subjacentes a uma cultura, exprimindo atitudes, ética e os valores de uma sociedade. O seu trabalho torna-nos conscientes do poder das imagens.

Na sua primeira exposição individual em galeria em Lisboa, Jaar apresenta duas das suas obras mais emblemáticas na Galeria Francisco Fino, ambas constituindo uma declaração da sua poética e uma introdução ao público lisboeta.

O título da exposição tem origem numa das três obras apresentadas. *One Million Points of Light* (2005) é uma imagem do Oceano Atlântico ao largo da costa de Luanda, em Angola. A água representa a vida, sendo o elemento mais importante do nosso planeta, sustentando todas as necessidades humanas, das mais básicas às mais complexas. Permite a alimentação, o comércio e a troca entre civilizações; é símbolo de regeneração. Para Portugal e para Lisboa, o oceano foi historicamente uma fonte de inspiração ao longo dos séculos. A imagem do oceano captada pelo artista, com os reflexos da luz solar, é de uma grande beleza; o reflexo do sol oferece-nos uma imagem perfeita da vida na Terra.

No entanto, esta é também uma imagem que invoca uma profunda reflexão, recordando os 14 milhões de escravos africanos enviados para o Brasil pelos portugueses entre os séculos XVII e XIX, numa prática indizível que marcou a civilização ocidental dos últimos

séculos como parte de uma ideologia de progresso, atribuindo a esta imagem bela um outro significado, profundamente perturbador. Esta imagem simples mostra instantaneamente milhões de vidas perdidas como cintilações à superfície da água, revelando o lado sombrio da chamada civilização ocidental. A fotografia denuncia esta prática numa comunicação direta com o espectador, sem complacência e de forma sóbria. E é precisamente isso que nos transmite o núcleo da obra de Alfredo Jaar. Trata-se do oposto da eloquência da imagem. Desliga-a do circo do nosso sistema de comunicação. Liberta-a de qualquer amplificação gerada pelo sistema, permitindo-lhe colocar ao espectador uma interrogação silenciosa, que revela o seu verdadeiro significado, nascido de um apelo à humanidade.

A outra grande obra da exposição é *The Sound of Silence* (2006), uma peça icónica na qual o artista apresenta uma curta-metragem em torno de uma fotografia de Kevin Carter, fotógrafo distinguido com o Prémio Pulitzer, representando uma criança vítima da fome observada por um abutre ameaçador. A instalação encontra-se contida no interior de um grande volume, um teatro construído para uma única imagem, cujo acesso é controlado por uma luz verde e vermelha.

A extraordinária precisão e sensibilidade com que o artista trata esta imagem conferem-lhe uma profundidade que não é apenas social ou comunicacional, mas antes um conjunto de valores — respeito, igualdade e, em última instância, humanidade. A obra considera a vida humana como o valor supremo da nossa condição enquanto seres humanos neste planeta. Jaar não representa simplesmente algo; oferece-nos uma percepção imediata do valor mais importante: a vida.

Noutra obra, o artista apresenta uma afirmação simples atribuída a Ansel Adams: “You Do Not Take a Photograph. You Make It” [Uma

fotografia não se tira, faz-se]. Observar a capacidade do artista para transmitir imediatamente um valor é essencial para entrar na sua obra. O processo de Jaar consiste em escolher uma única imagem, carregá-la de todas as expectativas e interrogações de que é veículo, e permitir que a própria imagem fale poderosamente por si mesma. De certa forma, poder-se-ia dizer que a imagem arde nos olhos do espectador, permanecendo apenas as cinzas do valor que transmite.

Ao mesmo tempo, a obra constitui uma crítica poderosa a toda uma visão da sociedade — uma sociedade que permite que a fome e a escravatura continuem a existir no presente, num mundo submerso em conflitos e violência.

Neste processo, a obra de Alfredo Jaar despoja (ou desmantela) a estética enquanto retórica da imagem, alcançando a sua essência ética; para o artista, a ética é a estética da imagem.

Vista de instalação de One Million Points of Light, Galeria Francisco Fino, 2026



Alfredo Jaar

The Sound of Silence, 2006

Instalação com madeira, alumínio, luzes fluorescentes, luzes estroboscópicas e projeção de vídeo

Dimensões variáveis

Ed. 2/3





Vista de instalação de *One Million Points of Light*, Galeria Francisco Fino, 2026

Alfredo Jaar: The Sound of Silence

Okwu Enwezor

As instalações, fotografias, filmes e esculturas de Alfredo Jaar distinguem-se, em geral, pela sua austeridade formal, mas são frequentemente marcadas por uma notável sofisticação técnica e por uma intensa força visual e conceptual. Ao longo de mais de três décadas de prática artística, Jaar analisou extensivamente a relação entre arte e política, colocando estética e ética, humanismo e uma perturbadora ambivalência, num estado contínuo de crise visível. *The Sound of Silence* é uma escultura que combina diversos dispositivos — fotografia, texto, software informático, projeção vídeo e duração cinematográfica — num único aparato narrativo integrado. Concebida inicialmente em 1995, pouco depois de Jaar ter iniciado *Real Pictures*, a sua obra monumental sobre o genocídio no Ruanda, *The Sound of Silence* só viria a ser concretizada em 2006, quando os avanços

tecnológicos no domínio do software informático permitiram reunir os diferentes elementos da obra numa estrutura coesa.

The Sound of Silence baseia-se no que poderia ser considerado um elemento de informação pública: uma fotografia do fotógrafo sul-africano Kevin Carter que retrata uma criança sudanesa frágil e emaciada, caída durante o percurso para um centro de alimentação, no auge de uma devastadora fome no sul do Sudão. Publicada a 26 de março de 1993 no jornal *The New York Times*, a imagem mostra a criança prostrada no chão, enquanto um grande abutre permanece agachado atrás dela, aguardando de forma ameaçadora. A fotografia tornou-se um fenómeno mediático, suscitando reações indignadas de leitores em todo o mundo. Jaar foi um desses leitores. A sua reação inicial foi de perplexidade, tanto perante a imagem como perante as respostas que esta gerou. Depois de tomar conhecimento da notícia, recortou cuidadosamente a fotografia e o respetivo artigo, arquivando-os com a intenção de regressar a eles mais tarde. Quando o fez, em 1995, escreveu a narrativa que constitui o elemento central de *The Sound of Silence*. Contudo, nos anos decorridos entre a publicação da fotografia e a redação do texto de Jaar, Carter foi amplamente vilipendiado à escala mundial, recebeu o Prémio Pulitzer pela imagem e, poucos meses depois, suicidou-se, alegando o peso que a sua atividade profissional lhe impusera.

The Sound of Silence apresenta-se sob a forma de uma estrutura arquitetónica autónoma. A face inicialmente visível ao espetador encontra-se densamente revestida por filas de tubos fluorescentes brancos de intensidade ofuscante, evocando a obra de Dan Flavin. A luz intensa que emitem, embora produza pouco calor, perturba o olhar e impõe um confronto físico imediato. Para encontrar a entrada da estrutura, é necessário contorná-la até ao lado oposto, onde um sinal luminoso de néon verde e vermelho indica se é possível entrar.

No interior existe um espaço de projeção com lugares sentados e um grande ecrã negro ladeado por duas luzes estroboscópicas montadas em suportes.

O vídeo, com a duração de oito minutos, inicia-se com um texto composto por Jaar, apresentado numa sucessão de frases de uma ou duas linhas. Trata-se de uma narrativa silenciosa que relata a história de Carter e da sua fotografia. Próximo do final, a imagem surge brevemente no ecrã e é imediatamente seguida por um clarão emitido pelas luzes estroboscópicas, provocando um momentâneo apagamento visual e imagens residuais subsequentes, antes de as últimas linhas de texto concluírem a narrativa. Com esta interrupção momentânea da visão, o próprio ato de ver é colocado em causa — uma problematização motivada não apenas pelas recentes transformações técnicas na produção e circulação de imagens documentais, mas também pelos debates ainda por resolver em torno do estatuto dessas imagens na arte contemporânea. A obra resultante opera, assim, em vários níveis, integrando diferentes discursos do realismo documental e os seus efeitos sobre o humanismo, a representação, a violência, a ética e o fotojornalismo. Desta forma, *The Sound of Silence* situa-se nessa linha ténue e instável em que a imagem oscila entre o representável e o irrepresentável — ou, nas palavras de Jacques Rancière, entre o tolerável e o intolerável.

in *Defining Contemporary Art - 25 years in 200 pivotal artworks*, Phaidon, 2011



Vista de instalação de *One Million Points of Light*, Galeria Francisco Fino, 2026

Alfredo Jaar

You Do Not Take a Photograph. You Make It., 2013

Caixa de luz com transparência a preto e branco e material impresso

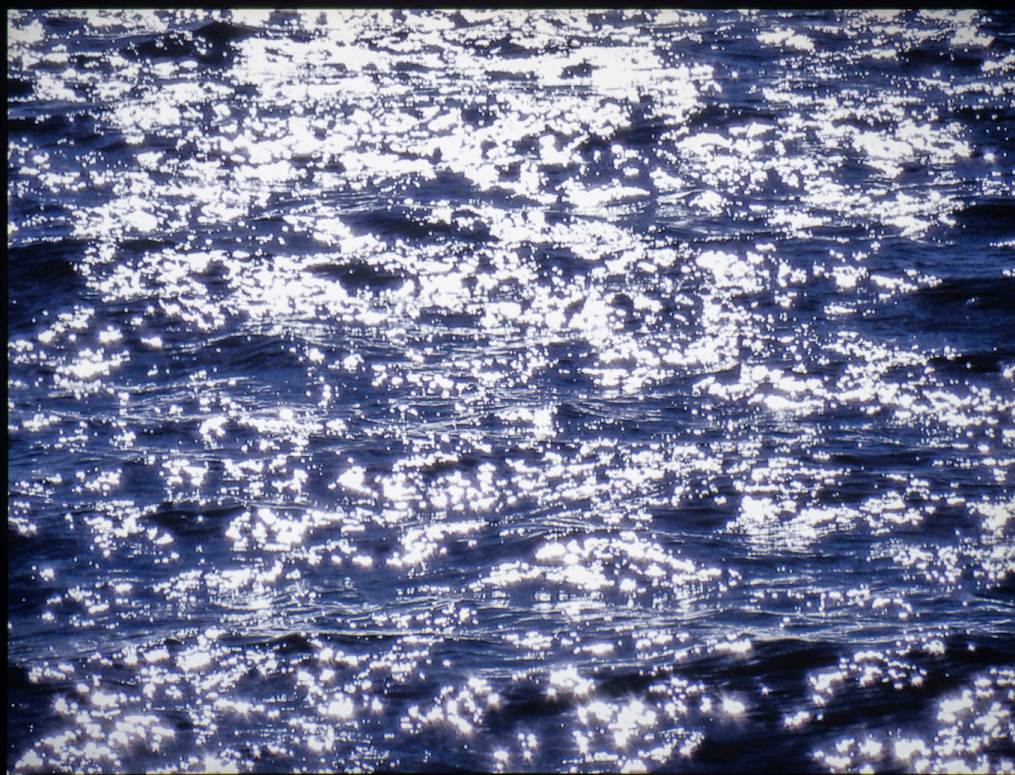
Caixa de luz: 150 x 150 cm

Material impresso: 70 x 70 x 70 cm



**YOU DO NOT
TAKE A
PHOTOGRAPH.
YOU MAKE
IT.**

Pormenor de *You Do Not Take a Photograph. You Make It.*



Alfredo Jaar

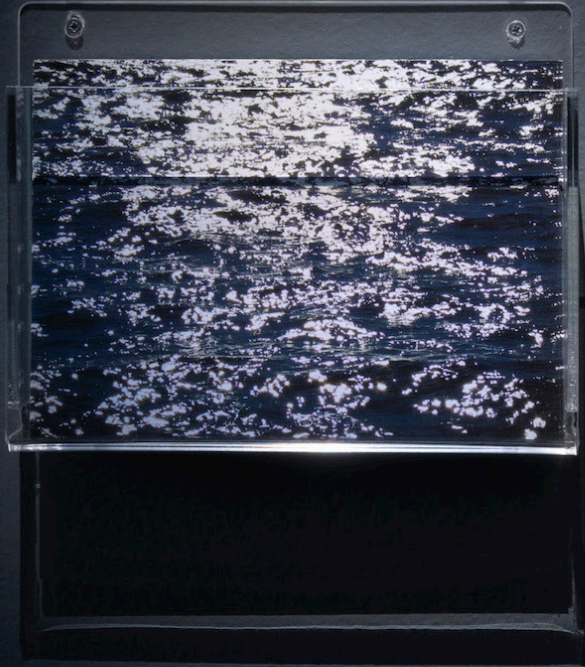
One Million Points of Light, 2005

Projeção e material impresso

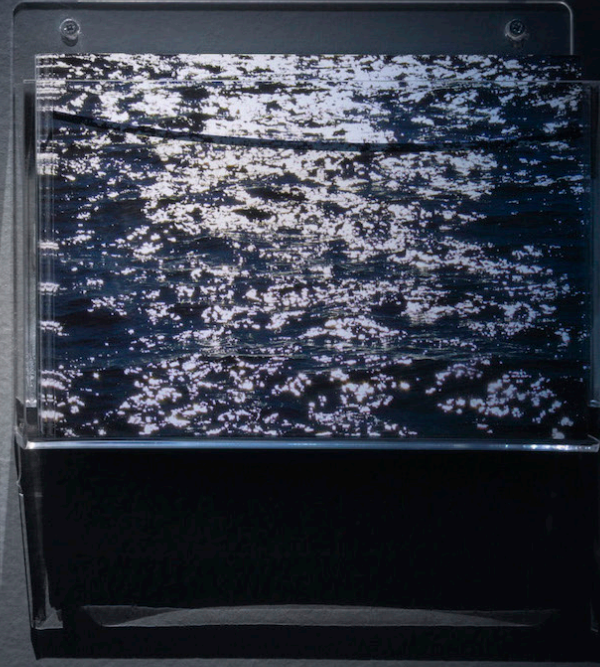
Dimensões variáveis

Ed. 1/3 + 2 PA

EN



PT



Alfredo Jaar

Alfredo Jaar (Santiago, Chile, 1956) é um artista, arquiteto e cineasta cuja prática se estende por mais de quatro décadas, marcada por um envolvimento rigoroso com o mundo. Trabalhando entre a fotografia, o cinema, a instalação e os novos media, Jaar desenvolve estratégias artísticas híbridas para abordar realidades sociopolíticas urgentes e os limites éticos da representação.

O seu trabalho convida o público a refletir criticamente sobre a forma como as crises humanitárias, o sofrimento humano e as desigualdades globais são percebidos, mediados e frequentemente negligenciados no âmbito do discurso internacional, mantendo simultaneamente uma forte presença formal e estética. Ao longo da sua carreira, Alfredo Jaar tem vindo a abordar de forma persistente questões como o genocídio, as migrações forçadas e os desequilíbrios de poder entre países industrializados e países em desenvolvimento, desafiando o público a confrontar aquilo que, demasiadas vezes, é ignorado ou silenciado.

O seu trabalho tem sido amplamente apresentado a nível internacional. Participou nas Bienais de Veneza (1986, 2007, 2009, 2013) e de São Paulo (1987, 1989, 2010, 2021), bem como na Documenta de Kassel (1987, 2002).

Entre as suas exposições individuais mais relevantes destacam-se as realizadas no New Museum, em New York City (1992); na Whitechapel

Gallery, em London (1992); no Moderna Museet, em Stockholm (1994); no Museum of Contemporary Art Chicago, em Chicago (1995); e no Museum of Contemporary Art of Rome, em Rome (2005). Entre as mais importantes exposições retrospectivas recentes da sua obra contam-se as apresentadas no Musée cantonal des Beaux-Arts de Lausanne (2007); Pirelli HangarBicocca, em Milan (2008); na Alte Nationalgalerie, na Berlinische Galerie e na Neue Gesellschaft für bildende Kunst, em Berlin (2012); nos Rencontres d'Arles (2013); no Kiasma, em Helsinki (2014); no Yorkshire Sculpture Park, no United Kingdom (2017); no Zeitz Museum of Contemporary Art Africa, na Cape Town (2020); no SESC Pompeia, em São Paulo (2021); no Museum of Contemporary Art Hiroshima (2023); e no KINDL – Zentrum für zeitgenössische Kunst (2024).

O artista realizou mais de setenta intervenções públicas em todo o mundo. Foram igualmente publicadas mais de oitenta monografias dedicadas à sua obra. Tornou-se bolseiro da John Simon Guggenheim Memorial Foundation em 1985 e da MacArthur Foundation em 2000. Recebeu o Hiroshima Art Prize em 2018 e o Hasselblad Award em 2020. Em 2024 foi distinguido com o Albert Camus Mediterranean Prize e, em 2025, foi selecionado para receber a Edward MacDowell Medal, tendo ainda sido distinguido com o Prix Pictet.

Mais informações

Galeria **Francisco Fino**

www.franciscofino.com

Rua Capitão Leitão, 76
1950-052 Lisboa

galeria@franciscofino.com

Tel. +351 215 842 211